

Brasil quer ampliar exportação

O objetivo é reverter – ou pelo menos reduzir – o déficit de US\$ 21 bilhões acumulado até julho por meio da venda

Simone Cavalcanti

scavalcanti@brasileconomico.com.br

O governo brasileiro quer reverter o déficit do setor de serviços nas transações comerciais com outros países. Essa conta, registrada no balanço de pagamentos, está negativa em US\$ 21,4 bilhões até julho deste ano e, seguindo nessa toada, pode superar os US\$ 30 bilhões de déficit amargados em 2010 — em 12 meses, o Brasil acumula saldo negativo de US\$ 35 bilhões em 2011. "Desde 2006 assistimos a um crescimento exponencial deste resultado e precisamos mudar essa trajetória, estabelecer uma cultura de exportação de serviços", disse o secretário de comércio e serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), Humberto Luiz Ribeiro da Silva.

E os Estados Unidos podem ser um aliado de peso nesse processo: tem grande experiência nesse tipo de negócio, exportando serviços intelectuais e angariando turistas do mundo todo, o que lhe conferiu superávit de US\$ 140 bilhões com o mundo no ano passado. Além disso, se mostra disposto a intensificar suas compras do



Brasil e se dispõe a fazer uma parceria para que empresas brasileiras e americanas, juntas, atendam terceiros mercados (*leia mais ao lado*).

Segundo Silva, os americanos — que estão em primeiro na lista de importadores tanto de produtos industrializados, quanto de serviços brasileiros — já olham com interesse para a terceirização na área de Tecnologia da Informação (TI), como, por exemplo, os call centers que podem ser instalados em solo brasileiro. "Temos vantagens comparativas que se equiparam e até ultrapassam as oferecidas pela Índia, grande centro de atendimentos no exterior", disse o secretário, lembrando que uma das conveniências é o fuso horário brasileiro, bem mais próximo do americano do que o do concorrente.

O desenvolvimento de projetos em serviços intelectuais,

como soluções (softwares) para o setor financeiro, que possam ser vendidos ao exterior também são foco do governo. As tratativas se intensificaram no mês passado, quando Ribeiro recebeu em seu gabinete Nicole Lamb-Hale, a secretária-adjunta para comércio e serviços do Departamento de Comércio dos Estados Unidos. "Temos interesse em colaborar no setor terciário e ampliar a relação de trabalho bilateral", disse Hale.

Segundo ela, é possível ampliar a relação bilateral em áreas como construção, arquitetura e engenharia, além de viagens e turismo. Nesse último item, o governo brasileiro tem interesse particular, já que ainda é reduzido o número de turistas estrangeiros que visitam o Brasil.

Neqociações

"O Brasil tem um grande poten-

cial de conteúdo intangível que os executivos americanos precisam conhecer", diz o secretário, referindo-se a encontros de negócios entre empresários que estão sendo programados pelas autoridades dos dois países para os próximos seis meses.

A primeira sessão bilateral está agendada para outubro, em território americano e deve reunir empresas das áreas de TI, mídia, entretenimento, engenharia e arquitetura. Para o início de 2012, o encontro deve ocorrer no Brasil. "Nós ainda não tínhamos uma cultura de exportação de serviços e isso está sendo revisto e há um esforço convergente do setor público e do privado para reverter isso no menor prazo possível", afirmou o secretário brasileiro, lembrando que as tratativas nesse sentido vão se estender também a países da Europa e para o Japão. •

BRASIL

R\$ 35 bi

é o déficit da balança de serviços brasileira quando se considera o acumulado nos últimos 12 meses. No ano, até julho, o saldo está negativo em R\$ 21,4 bilhões

EUA

R\$ 140 bi

é o superávit dos Estados Unidos na conta de serviços, já que o país é exportador de bens intelectuais. Já no comércio de produtos e commodities, o país tem déficit

COMÉRCIO BILATERAL

US\$ 30,3 bi

em serviços exportados pelo Brasil no ano passado, 42,1% foram para os Estados Unidos, o principal mercado. Em segundo está a União Europeia, com 31,2%.

Divulgação

Governo tenta votar PEC de receitas da União

O governo tentará votar no plenário da Câmara, nesta semana, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que renova a Desvinculação de Receitas da União (DRU) até 2015. A matéria, em vigor até 31 de dezembro, é uma prioridade, já que a proposta de Orçamento para 2012 foi elaborada com base na sua prorrogação. "Não tenho dúvida que a obstrução vai imperar", alertou o deputado **Maurício Quintella Lessa** (PR-AL), relator da PEC, sobre as intenções da oposição.



EUA são maior mercado para os brasileiros

Dos US\$ 30,3 bi exportados em serviços em 2010, 42,1% foram para empresas americanas

Os Estados Unidos são a principal fonte de receita das empresas brasileiras que vendem serviços no exterior. De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), dos US\$ 30,3 bilhões exportados no ano passado, 42,1% vieram do solo americano. O restante foi pulverizado entre vários outros países, com destaque mais significativo para os da União Européia (UE), que consumiram 31,2% do total.

de quase 30 mil exportadoras. Em geral, são superavitárias, ou seja, vendem muito mais serviços do que compram do exterior e, por isso mesmo, responderam por 10,8% de toda receita da conta de serviços apurada pelo BC no ano passado.

Em contrapartida, as grandes empresas, que têm um volume maior de negociações com outros países, apresentam mais despesas (93,9%) — enviam mais recursos para pagar serviços adquiridos fora do país — do que receitas (75,8%) recebidas pelas vendas. • **S.C.**

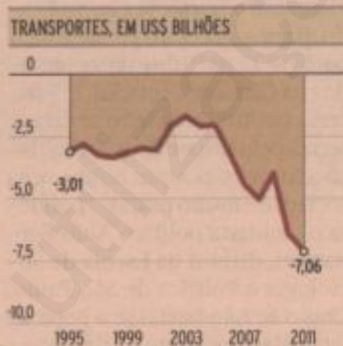
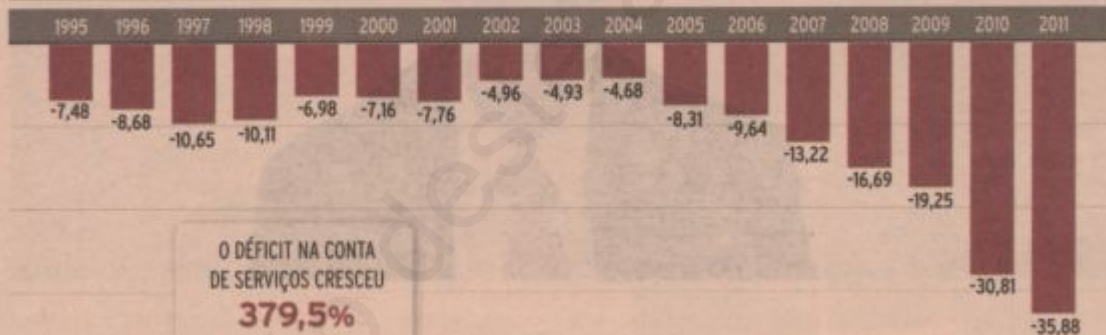
de serviços

de soluções de TI para o setor financeiro, em especial para os EUA /

NO VERMELHO

Déficit da balança de serviços é crescente

BALANÇO DE SERVIÇOS, EM US\$ BILHÕES



Fontes: BC e Brasil Econômico

As micro e pequenas empresas respondem por 10,8% da receita da conta de serviços, pois vendem mais do que compram do exterior. Elas são 76% de um total de quase 30 mil exportadoras brasileiras

A conta de serviços registrada no balanço de pagamentos do Banco Central abrange as despesas e receitas do Brasil com o mundo e está relacionada a pagamento de fretes, seguros, turismo, patentes, royalties, soluções tecnológicas e serviços empresariais.

No lado da oferta, os principais setores são comércio por atacado, com exceção de veículos automotivos, seguidos por atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental. No terceiro lugar do ranking entram os serviços financeiros, como seguros, previdência complementar e planos de saúde.

As atividades de Tecnologia da Informação (TI) estão na quarta posição e é justamente para essa área que, segundo o secretário de comércio e serviços do Mdic, Humberto Luiz Ribeiro da Silva, americanos já mostraram interesse (ver *matéria ao lado*).

As negociações nos diversos segmentos de serviços estão concentradas em apenas dois estados: São Paulo e Rio de Janeiro. É neles que, segundo o Mdic, estão as micro e pequenas empresas (MPEs) responsáveis por puxar essa parte do comércio exterior brasileiro. Afinal, as companhias desse porte representam 76,1% de um total